

AS JUVENTUDES NA BÍBLIA E NA VIDA

Eliezer dos Santos Oliveira

A Bíblia, como a Vida¹, está povoada de juventudes. Mapear as juventudes na Bíblia é uma tarefa quase impossível assim como é praticamente impossível mapeá-las na Vida. O Livro Sagrado é muito grande e complexo porque é do tamanho e complexidade da Vida. A Bíblia é a Vida vivida, contada, refletida, rezada, cantada e escrita em forma de mutirão, cuja construção contou com muitas juventudes que não aparecem de modo claro e distinto.

Disto decorre a primeira conclusão sobre as juventudes bíblicas: Elas não são tratadas de forma distinta da totalidade da história da salvação. A participação das/jovens ocorre sempre situada no contexto mais geral da época bíblica em questão. As juventudes não se salvam e não se perdem de maneira isolada, mas se perdem e se salvam em comunhão com os grupos sociais de seu tempo. Ontem como hoje elas caminham junto com os avanços e recuos do Povo de Deus. As juventudes sofrem as consequências e atuam em questões que as ultrapassam. Os problemas e soluções atingem as/os jovens da mesma forma que atingem outros agentes sociais, bem como as questões de gênero, ecológicas, econômicas, políticas, étnicas, religiosas, etc.

Porém, é necessário – e a isto nos propomos – lançar uma perspectiva hermenêutica-popular sobre as juventudes bíblicas a fim de conhecê-las, e dentro do espaço possível que nos é dado num artigo, relacioná-las com as juventudes atuais. Estas juventudes poderiam ser garimpadas livro por livro; ou segundo cada estilo literário; ou ainda perpassando cada tempo histórico de construção da Bíblia². Adotamos aqui o recurso de criar tipos ideais que permitam agrupar as juventudes por suas semelhanças, embora acarrete o ônus de não diferenciá-las devidamente.

As juventudes serão reduzidas basicamente a dois grupos: jovens opressores X jovens oprimidos, que serão vistos a partir das seguintes temáticas: violência, escravidão, machismo, (des)esperança, corrupção e profetismo, moral religiosa, festa, e por fim a juventude de Deus.

1. Juventudes e violência

Na Bíblia como na Vida correm rios de sangue e lágrimas e a juventude faz parte da produção da violência ao mesmo tempo em que a sofre. A frase de Jesus para as mu-

1. No maiúsculo porque as duas são sagradas.

2. Julgamos esta a forma mais apropriada de tratar da questão, mas a consideramos não adaptada para o limite de páginas do artigo, uma vez que pretendemos apresentar uma visão geral do tema, para isto assumimos o ônus das generalizações.

lheres de Jerusalém, que batiam no peito e choravam por ele, vale para muitas mães dos dias de hoje, que, como Maria, têm uma espada transpassada na alma (Lc 2,35)³: “não chorem por mim! Chorem por vocês mesmas e por seus filhos” (Lc 26,28).

Isto se deve ao fato de irmão (Caim) matar irmão (Abel) (Gn 4,8), e o sangue da vítima clamar por Javé (Gn 4,9); Esaú odiar seu irmão Jacó por ter lhe roubado a bênção que lhe pertencia (Gn 27,41) e de a mãe deles, tal como Javé (Gn 4,23), fazer de tudo para que fosse evitada uma vingança de sangue entre irmãos (Gn 27,45); de o jovem José (Gn 37,2) ser vendido como escravo por seus próprios irmãos (Gn 37,28), causando dor, sofrimento e choro no pai deles, que acreditara na falsa versão da morte do jovem por uma fera (Gn 37,31-35).

Os jovens, juntamente com os mais velhos (Gn 19,4), querem abusar dos hóspedes de Ló, participando assim da violência disseminada na sociedade. Na condição de soldados, os jovens se prestam a ser massa de manobras dos reis, servindo como instrumento de execução de sua vontade (2Sm 1,15). Certamente foram soldados jovens que prenderam, torturaram e crucificaram Jesus (e outros mártires bíblicos) a mando do poder da época. A juventude da Bíblia, tal como da Vida, se deixa levar pela ideologia hegemônica de seu tempo realizando atividades violentas sem conhecer o seu autêntico sentido (Lc 23,34; At 7,60; Os 4,14).

Os jovens, contrariando os conselhos dos mais velhos, demonstram não serem apenas reprodutores da ideologia de seu tempo, mas também são capazes de produzi-la. Eles têm a capacidade de serem mais perversos e opressores do que os anciãos (1Rs 12,8.10.14; 2Cr 10,8.10.14). Assim, a Bíblia reconhece aquilo que podemos ver na Vida, ou seja, a juventude é sim capaz de ser ímpia, malfeitora, louca e violenta (Is 9,16).

A Bíblia tem a coragem de apresentar as juventudes em meio ao mundo violento. Ela não pinta um quadro romântico no qual a vida jovem é representada apenas pela festa, alegria, vitalidade, como se os/as jovens tivessem apenas valores e qualidades positivas. Ela não receia em pôr as juventudes em contato direto com os agonizantes (1Sm 1,5-10), com os cadáveres horrendos produzidos pela violência (2Sm 20,11-13; At 7,58; 8,1), além de narrar as próprias mortes torturantes produzidas pelos(as) jovens (2Sm 4,12). A Bíblia não esconde o extermínio impiedoso (Dt 28,50) dos jovens de ambos os sexos (Dt 32,25), mortos nas guerras juntamente com os outros habitantes da cidade (Js 6,21). Com isto se tem a prova de que as vítimas das guerras não eram apenas os jovens com mais de 25 anos alistados como capacitados para as guerras (Nm 1,3.18.20.22.24.26.28.30.32.34.36.38.40.42; 26,2), mas muitos outros.

A juventude oprimida é vítima do poder dos reis (2Rs 8,12) e dos imperialismos (Jt 2,27; 2Mc 5,13; Is 13,18; 20,4; Jr 49,26; 50,30; 51,3; Ez 30,17), é massacrada (2Mc 5,13), sobretudo quando se ergue contra estes despotismos (1Mc 2,9). Nas disputas pelo poder, os jovens treinados na arte da guerra (Jz 3,2) são os primeiros a matarem

3. Serão muitas citações, é importante que as mesmas sejam consultadas, uma vez que não há como transcrevê-las. Além do mais, acreditamos que todo curso, escola, livro e artigo bíblico não substitui a leitura da Bíblia, sendo suas missões motivar os leitores para entrarem em contato direto com as Escrituras.

uns aos outros (2Sm 2,14-16) na linha de frente das batalhas (1Rs 20,14.15.17.19); são desprezados pelo inimigo (1Sm 17,42), mas decisivos nas batalhas (1Cr 19,10.12.15); enfrentam verdadeiros gigantes armados (1Sm 17,4-11.41-54) e os matam (Ecl 47,4); desfilam orgulhosos de seu posto militar e de suas armaduras nos períodos de pós-guerra (1Mc 14,9); mas também são os mais sensíveis ao horror das guerras e incapazes de matar (Jz 8,14.20).

Geralmente as guerras matavam os jovens e raptavam as jovens (Jt 16,4) deixando aflitas as virgens que não eram deportadas, porque não teriam com quem casar (Lm 1,4). Ainda hoje em dia a população masculina é em menor número do que a feminina, não por conta de uma desproporção da distribuição natural dos sexos, mas sim, porque os homens são as maiores vítimas fatais da violência do Estado, do tráfico, das brigas, das guerras, do trânsito e das drogas.

Os jovens da Bíblia não são apenas vítimas do poder dos reis como também, parte desta juventude, luta para conquistá-lo. Os próprios reis são jovens, pois começam a reinar muito cedo e vivem todas as suas juventudes no trono, tal como é o caso de Joás que subiu ao trono com sete anos de idade e reinou por quarenta anos (2Rs 12,2; 2Cr 24,1); Josias tinha oito anos e reinou por trinta e um anos (2Rs 22,1; 2Cr 34,1); Manassés que reinou por cinquenta anos tendo se tornado rei aos doze anos de idade (2Rs 21,1; 2Cr 33,1); e Ozias que tinha dezesseis anos quando começou a reinar e reinou por cinquenta e dois anos (2Rs 14,21; 15,2; 2Cr 26,3).

Os principais reis do Primeiro Testamento também assumiram o poder quando eram jovens. Saul era um jovem de boa aparência e forte (1Sm 9,2); Davi fora ungido quando rapaz, o menor de todos os irmãos (2Sm 16,11-13); Davi nomeia um jovem valente e guerreiro, de nome Sadoc, para ser o chefe militar de seu império (1Cr 12,29); O jovem Absalão (14,21; 18,5.29.32) revolta-se contra o seu pai Davi (2Sm 15,7-12), toma o poder e é assassinado por jovens escudeiros (2Sm 18,15). Salomão era moço (1Rs 3,7; 1Cr 22,5; 29,1), o filho mais jovem de Davi, usurpa o direito legítimo de seu irmão mais velho Adonias (1Rs 1,6; 2,22) e manda matá-lo (1Rs 2,24-25); Roboão, filho de Salomão, é apresentado como um moço tímido, frágil e inábil (2Cr 13,7), porém, motivado pelo conselho dos jovens, intensifica a opressão contra o Reino do Norte (1Rs 12,10-14); Jeroboão, futuro rei do Reino do Norte, é descrito como um jovem que trabalhava bem, valente e forte, por isto é nomeado capataz dos trabalhos forçados (1Rs 11,28) e se revolta contra Salomão (1Rs 11,26).

Além destes, outros reis jovens: Ocozias tinha vinte e dois anos quando começou a reinar (2Rs 8,26); Amasias tinha vinte e cinco anos (2Rs 14,2; 15,33; 2Cr 25,1); Jeconias tinha dezoito anos (2Rs 24,8; 2Cr 36,9); Acaz com vinte anos (2Rs 16,2; 2Cr 28,1); Ezequias, filho de Acaz, com vinte e cinco anos (2Rs 18,2; 2Cr 29,1); Amon vinte e dois anos (2Rs 21,19; 2Cr 33,21); Joacaz com vinte e três anos (2Rs 23,31; 2Cr 36,2); Joaquim vinte e cinco anos (2Rs 23,36; 2Cr 36,5); Sedecias vinte e um anos (2Rs 24,18; 2Cr 36,11); Joatão com vinte e cinco anos (2Rs 15,33; 2Cr 27,1; 2Cr 27,8). Nestas disputas pelo poder estes jovens eram treinados, desde cedo, para exercer o poder monárquico. A sede de poder fez com que muitos se voltassem contra os seus próprios irmãos, numa disputa fratricida (2Sm 13,30; 1Rs 2,24-25).

Além destes, há ainda na Bíblia a descrição dos reis jovens estrangeiros. Os reis jovens das nações imperialistas (1Mc 11,54.57; 13,31.32) seduzem o povo de Deus com promessas, poder e luxo que apenas lhes traz desgraças, sendo por isto chamados pela Bíblia de “Jovens encantadores” (Ez 23,6.12.23).

Graças ao poder destes jovens, estrangeiros ou não, que mantinham a violência institucionalizada, muitos jovens sofreram e muitas mães e pais derramaram suas lágrimas por causa dos sofrimentos de seus filhos e filhas (Gn 35,19; Jr 31,15; Jr 15,8-9; Mt 2,14.18). A juventude também sofre com tudo isto e precisa enfrentar esta realidade que provoca martírio com muita fé, resistência e esperança. A juventude aprende destes exemplos memoráveis de heroísmo e virtude (2Mc 6,9-11.31) e se torna capaz de doar a sua vida na luta contra os imperialismos enfrentando crueldades, torturas, fornalhas, leões, apedrejamentos, cruzes e morte (1Mc 7; Dn 3,23.91-94).

Inúmeros jovens foram convocados para as guerras e trabalhos forçados (1Sm 8,11-12) e muitas jovens foram convocadas para servir aos reis jovens como perfumistas, cozinheiras, padeiras (1Sm 8,13) e para compor o harém (2Sm 16,21; 1Rs 1,2; 11,1-4; Est 2,19). Como resultado, estas realezas jovens praticaram uma política suicida, fizeram o que era mau aos olhos de Javé (2Cr 36, 5.9.11) e por isto levaram o povo todo à ruína, sem poupar da morte os jovens e nem os velhos (2Cr 36,17).

Disto tudo é possível concluir que a Bíblia não serve de fundamento para aqueles que pretendem idealizar a juventude. A Bíblia elogia enormemente a juventude, chega ao ponto de valorizar mais um jovem pobre, filho de mendigo, saído da prisão e sábio do que um rei velho, insensato e autossuficiente (Ecl 4,13-14), entretanto demonstra o quanto este mesmo jovem, a exemplo de tantos personagens da Bíblia e da Vida, podem repetir os caminhos do rei velho (Ecl 4,16). Tanto a Vida quanto a Bíblia estão povoadas de vidas jovens violentas e violentadas.

2. Juventudes e escravidão

Como desdobramento da violência generalizada que é também produzida por uma parcela da juventude, e ao mesmo tempo atinge outros(as) jovens, se tem o problema social desta violência, expresso pelas relações de escravidão. Grande parte da juventude bíblica sofre a escravidão, tal como José, vendido como escravo pelos seus próprios irmãos (Gn 37,27-28), assim como é capaz de promover a escravidão, tal como o mesmo José – agora com poderes escravizantes – escravizando os seus irmãos, e outros(as) jovens, no Egito (Gn 42,33-34; 43,14; 44,33-34).

Na continuidade do relato José acaba não tornando seus irmãos escravos do Egito, porém, demonstra ter poder de escravizar em troca de alimento. Graças aos impostos, os impérios acumulavam mantimentos e depois os vendiam para os próprios produtores. Aos poucos estes trabalhadores perdiam todos os bens – dinheiro, rebanhos e campos – que poderiam ser trocados pelos alimentos (Gn 47,15-19), restando por fim venderem os seus filhos como escravos (Gn 47,21; Ne 5,2.5).

Tal como os patriarcas e as matriarcas do povo (Gn 12,1.10), as novas gerações da Bíblia e da Vida também vagam errantes (Dt 26,5) em busca de melhores condições

de vida, nem sempre encontradas. Muitos jovens migram de forma obrigatória por conta dos exílios (Tb 1,3-4; 1Rs 11,1) ou voluntária, fugindo do poder dos reis (1Sm 25,10), enfrentando os perigos da viagem na busca de semente, alimento, terra e trabalho (Gn 47,19; Tb 5,5.7.10).

Além desta forma social de escravidão havia ainda a maneira militar, na qual os derrotados nas guerras, os reinos vencidos, se tornavam escravos dos vencedores. Novamente aqui, os jovens são os preferidos para os trabalhos forçados (Is 31,8), a juventude é levada para o cativeiro (Jr 48,6; Lm 1,18; Dn 2,25), as virgens são violentadas (Lm 5,11; Jt 9,2.4), não há mais festa e alegria entre os jovens (Lm 5,14), apenas trabalho duro (Lm 5,13). Estes jovens exilados e escravizados eram vigiados por outros jovens da nação inimiga (Jz 16,26; 1Rs 11,28), ou seja, a juventude se encontra em ambas as trincheiras, tanto dos escravizados quanto dos escravizadores.

A vida de escravo no Egito ou em qualquer tempo e lugar sempre é muito dura (Ex 1,11-14). Como já vimos, o rei (muitos deles jovens) tem plenos direitos sobre as jovens (1Sm 8,13) e os jovens (1Sm 8,11-12) do povo fazendo-os seus escravos, isto porque Israel quis ser como as outras nações (1Sm 8,7) deixando-se, ingenuamente, prostituir tal como uma jovem seduzida (Pr 7,7-27; Ex 34,16). A família real e os ministros dos reis são presenteados com escravos jovens que lhes servem em suas necessidades privadas ou públicas (Gn 41,12; 1Sm 20,20-22.35-39). Entretanto, não são apenas os reis que escravizam a juventude; outros senhores, de todas as idades, mantêm a juventude escravizada como principal fonte de lucros (At 16,16) e até mesmo compram jovens escravos como presentes para os seus filhos (Lv 25,44-46).

Porém, a juventude não apenas sofre e reproduz a escravidão, bem como luta contra ela. Não são todos os jovens da Bíblia que fogem dos problemas que afetam a sua Vida e a Vida dos outros (Mc 14,51-52). A Bíblia também está cheia de jovens corajosos que se tornam lideranças da resistência contra a dominação e a escravidão (1Mc 2,66). São verdadeiros grupos jovens ativos na luta pela liberdade, cultura, fé e identidade do povo contra o domínio dos impérios (2Mc 10,35; 12,27; 13,15; 15,17). Os jovens estão entre aqueles que firmaram o pacto de Siquém (Js 24), a partir do qual criaram uma nova sociedade, diferente da lógica das Cidades-Estado dos reis.

A festa da libertação promovida pelo jubileu atinge a todos, inclusive a juventude, que poderá voltar a sua família e sua terra, resgatando assim a liberdade e a dignidade (Lv 25,41). Para determinar a diferença entre a vida da escravidão, na qual não há descanso, o novo projeto de sociedade institui um dia na semana no qual, pais e filhos, descansarão (Ex 20,10) como sinal da liberdade conquistada. São muitos personagens bíblicos que se empenham em libertar os jovens, uns com sucesso (1Rs 17,17-24; 2Rs 4,30-37; Mc 5,39-42; At 16,16-24; 20,9-12) e outros não (Lc 18,21). Também a juventude se empenha no processo de libertação mais amplo, os jovens são bem informados e demonstram saber o que devem fazer para que tal informação gere libertação (At 23,15-22; 1Sm 25,14; 30,8.13-19); lutam contra gigantes (1Sm 17,33.55.56.58) e organizam grupos populares de resistência (1Sm 25,5.8.14).

Portanto, a Bíblia apresenta juventudes escravizadas, escravizantes e contraescravização.

3. Juventudes e machismo

Tal como na Vida, a Bíblia é permeada por discursos e práticas machistas e contrárias ao machismo. Por um lado há um rígido controle sobre o corpo das jovens (Eclo 7,24) e, por outro, as jovens são violentadas (Gn 34,4; 2Sm 13,2; Jt 9,2), inclusive por outros jovens (Gn 34,19) e até mesmo por seus irmãos (2Sm 13,1.2.12-14; Ez 22,11). Não obstante a advertência legal que proibia os pais de profanarem e prostituírem suas filhas (Lv 19,29), muitas jovens bíblicas são oferecidas pelos seus próprios pais como prêmio (Js 15,16) ou como vítimas oferecidas ao abuso sexual a fim de preservar a dignidade dos homens (Gn 12,13; 19,4-8; Jz 19,22-24). São elas que pagam as promessas dos pais, sacrificando suas vidas em prol do sucesso militar dos homens (Jz 11,29-40). Muitas jovens são raptadas (Jz 19,12.21-23; Jt 16,4; 1Sm 30,3.19), sobretudo para servirem aos reis (Gn 6,2.4; 2Sm 1,24) em seus haréns (1Rs 1,2-4; Est 2,2-8.19), ou dadas aos seus ministros, a fim de lhes servir como escravas privadas (2Rs 5,2.4). Algumas poucas vezes estas jovens foram vingadas por seus parentes (Gn 34,3.5.7.8.17.19).

No Primeiro Testamento quando uma jovem queria separar-se de seu esposo, e para isto voltava para a casa paterna, seu esposo, querendo reavê-la, entrava em acordo com o sogro, sobretudo, através de presentes (Jz 19,1-3). A jovem permanecia num papel meramente passivo, nem seu esposo e nem seu pai conversavam com ela. O motivo de sua fuga não era levado em conta, importava quantos servos e quantos jumentos o sogro receberia de seu genro (Jz 19,3; Ex 22,15-16; Dt 22,28-29). Com isto, a mulher era novamente levada para a casa de seu marido, de onde fugira, sem que ninguém lhe houvesse perguntado se ela queria voltar (Jz 19,10.19), podendo ser oferecida no caminho de volta a abusadores a fim de que estes deixassem seu esposo em paz (Jz 19,22-25).

Neste relato específico de Jz 19 a mulher fora violentada até de madrugada e seu esposo sequer lhe aguardou na porta, visto que ela teve de esperar na soleira até o amanhecer para reencontrá-lo e receber a ordem de levantar-se para continuar a viagem como se nada de grave tivesse ocorrido (Jz 19,26-28). Por fim, ela morre e seu esposo a corta em doze pedaços e os envia para as tribos, convocando Israel para que se levante contra a cidade dos estupradores (Jz 19,29-30; 20,4-7) sem reconhecer qualquer culpa, nem mesmo de tê-la pego, conduzido-a para fora e a ter oferecido aos violentadores (Jz 19,25).

Ao contrário desta jovem esposa que não teve poder de decisão em momento algum, outras jovens bíblicas têm a sua opinião consultada (Gn 24,8.39.57) e nada do que envolva suas vidas é praticado sem o seu consentimento (Gn 24,58-59; Lc 1,38⁴). Mesmo que a cultura das épocas bíblicas privilegiasse os adultos, anciãos e homens, em detrimento dos jovens e das mulheres, as jovens ainda conseguiam cavar o seu espaço como protagonistas da história da salvação. Mesmo não sendo convocados para participar, os jovens e as mulheres (e também as mulheres jovens) intrometiam-se

4. Deus não trata sobre o nascimento de seu Filho com o pai da Maria, mas sim com a própria jovem, algo impensável para a cultura da época.

onde muitas vezes nem eram chamadas para dar o seu contributo (Jt 6,16; Jo 2,3). Tais exemplos de coragem, fé, resistência, ousadia, solidariedade, trabalho e capacidade de transformação tornam estas jovens verdadeiras heroínas. Imersas numa cultura machista, estas personagens bíblicas, não foram silenciadas pelos relatos porque deveriam ser, de fato, muito significativas para o povo, não obstante todo o preconceito da época contra os jovens e as mulheres, mais ainda contra mulheres jovens.

A jovem e bela Judite (Jt 12,13) parece ser uma escrava submissa ao poder assírio (12,14-20), porém com a força de Javé (13,4-7) matou o general imperialista que oprimia o seu povo (13,8-10; 14,18) e com isto desencadeou a reação de todo o povo (14-15). A rainha Ester, também jovem, bela e atraente (Est 2,4.7.9.13), de origem pobre (4,8), ousa desobedecer a lei mortal do palácio (4,11) para interceder em favor de seu povo (7,3-4) pedindo que ao rei revogasse um decreto irrevogável (3,12-13) e promulgasse outro (8,3.8). Rute é outra moça bíblica pobre (Rt 2,13), estrangeira (1,4), viúva (1,5; 4,10), mulher, jovem (2,5.6; 4,12), solidária (1,14-17), virtuosa (3,11), trabalhadora (2,2.15.17.18.23), bisavó do rei Davi (4,13.15.17; Mt 1,5) que conseguiu resistir a todas as mazelas sociais nas quais ela se encontrava juntamente com outra mulher, sua sogra Noemi (Rt 1,18).

As jovens bíblicas trabalham arduamente (Gn 24,11-14; 1Sm 9,11; Ct 1,5) e sabem servir aos necessitados (Gn 24,17-18; Mt 10,42; Lc 1,39.56), cuidam dos animais (Gn 24,19-20), acolhem o viajante (Gn 24,25), são agraciadas por Deus (Lc 1,30), cantam a libertação do povo (Lc 1,46-55)... As jovens são capazes de feitos inimagináveis para preservar a vida do povo, chegando ao ponto de realizar ações que contrariam diretamente a moral, que deve ser posta abaixo e a serviço da vida (Gn 19,31-38). Mesmo sabendo-se prometida a José (Lc 1,27), Maria não vacila diante de seu sim a Deus (1,38), ainda que corresse risco de morte (Dt 22,23-24; Mt 1,19).

Em meio a estas jovens todas, uma salta à vista, por conta do impacto de suas atitudes diante da moral constituída no seu tempo. Trata-se da personagem “Sulamita” a “Amada” do livro Cântico dos Cânticos. Ela não está preocupada com os ritos de pureza e impureza legal⁵, não é mulher para a procriação⁶, é uma estrangeira, não submissa aos homens de sua família (Ct 1,6; 8,8) ou ao seu amado – mantendo com ele uma relação de reciprocidade (2,16; 6,3). Ela é mulher cheia de desejos (1,2-4; 7,12-14), apaixonada (5,8; 8,6-7), autônoma (5,6), capaz de lutar pelo seu amor (3,1-4), enfrenta os encontros e desencontros do relacionamento (5,2-6), sofre violência de outros homens (5,7), é admirada pelo seu corpo (1,9-11; 4,1-15; 6,4-10; 7,2-10) e admiradora do corpo de seu Amado (5,10-16), etc. Por isto é possível afirmar o Cântico dos Cânticos como o maior hino contramachista presente na Bíblia, cujo sentido é valorizar o amor humano (em sua totalidade) como tal, sem considerá-lo sob o prisma moralista, legalista ou espiritualista.

5. Sobretudo os preceitos machistas contidos nos livros de Esdras e Neemias, escritos mais ou menos na mesma época, possuem uma série de prescrições de impureza legal específicas das mulheres.

6. Em nenhum momento do livro sequer é feita alusão ao papel materno da personagem.

Portanto, pode-se perceber o mesmo caráter contraditório no tocante ao machismo jovem presente na Bíblia. Para ilustrar isto melhor, vale a pena acompanhar Mateus numa de suas parábolas sobre o Reino de Deus, na qual ele o compara com dez jovens, sendo cinco prudentes e cinco imprudentes (Mt 25,2). Abstraindo o sentido escatológico da parábola é possível retomar o fato histórico que lhe deu origem, ou seja, havia por um lado jovens sensatas, prudentes, previdentes, vigilantes, alertas, esperançosas, sóbrias, responsáveis e iluminadas, e de outro, insensatas, imprudentes, imprevidentes, displicentes, desvanecidas, irresponsáveis, que deixaram de brilhar e que eram desconhecidas de Deus. O Evangelho segundo Mateus apresenta posições extremamente opostas dentro do grupo das jovens, dividindo-as em 50% para cada polaridade, anunciando assim o caráter contraditório que perpassa toda a juventude.

4. Juventudes e (des)esperança

Este mundo – violento, de guerra, dor, opressão, escravidão, machismo, corrupção, legalismo, injustiças sociais e tantas mazelas – gera, sobretudo na juventude, desespero e depressão. Diante desta realidade não sonhada por Deus os louvores dão lugar à lamentação, porque a realidade do mundo se tornou lamentável, restando às jovens e aos jovens o pranto (Jr 9,19). Os olhos de todos chegam a doer de tanto chorar por este estado caótico no qual o mundo se encontra, em que a juventude é a que mais sofre as consequências (Lm 3,51). As jovens e os jovens perderam o seu vigor (1Mc 1,26), as moças desesperadas não sabem onde se enfiar para recorrer a Javé diante de tanta prostração confusa (2Mc 3,19-21).

A juventude, que é marcada pela alegria de viver, pelo ânimo e vitalidade, se encontrava desfalecida, sedenta, frágil e clamando aos prantos por uma solução (Jt 7,22-23; Am 8,13). Aqueles e aquelas jovens, que andavam de cabeça erguida, humilham-se até o chão, morrendo nas ruas por conta da violência generalizada (Lm 2,10.21). A beleza da juventude cede lugar à sujeira dos corpos jovens restantes da espada e que se tornaram irreconhecíveis por conta da fome (Lm 4,7-9), cansados, esgotados e trôpegos (Is 40,30). No corpo da juventude oprimida se encontra uma das mais fortes denúncias sociais aos sistemas dominantes.

São tantas mortes, tanta falta de vida, tantas as desgraças, que provocam tristeza profunda na alma da juventude ao ponto desta desejar o suicídio ou a morte natural antecipada (Tb 3,10) a fim de se ver livre dos sofrimentos terrenos (Tb 3,12). Um mundo no qual a juventude não quer viver, ou não encontra mais alegria alguma, é um mundo que já se autocondenou, porque não permite que as pessoas concretizem o sonho paradisíaco de Deus.

É por isto que a morte dos jovens nas guerras representa o castigo divino contra toda a nação bélica, seja do povo de Israel ou estrangeiros (2Cr 36,17; Jr 5,17; 19,9; 50,30; 51,3). Cada jovem que morre é uma desgraça que se abate sobre todos, porque perecem os filhos do povo (Dt 32,25), assim como a juventude levada ao cativeiro representa uma perda para o povo todo (2Cr 29,9; Jr 15,7). Os erros da micropolítica devoraram as vidas jovens e roubam a alegria de viver (Sl 78,63); cada geração sofre pelos

erros das gerações passadas (Js 7,24-25; Ex 20,5). O castigo de Javé atinge os meninos na rua e os grupos de jovens que andam pelas praças (Jr 6,11; 9,20) por intermédio da espada, combate, fome e redução da natalidade (Jr 11,22; 18,21).

Para a Bíblia, o castigo de Deus denuncia a (ir)responsabilidade humana diante da negação do projeto de Vida sonhado por Ele. Somente o culpado responsável pode ser castigado, a fim de que mude sua atitude diante da Vida. O profeta Ezequiel faz questão de afirmar que o castigo de Javé atingirá a todos, quer sejam velhos, moços, virgens, crianças ou mulheres (Ez 9,6a), porém, poupa do extermínio aqueles que são as vítimas do processo histórico causador do castigo sobre a nação, ou seja, aqueles que gemem, choram e sofrem (Ez 9,4.6b).

O filho mais novo da parábola do Pai Misericordioso de Lucas (Lc 15,11-32) encarna muito bem este duplo caráter de responsabilidade (culpa, castigo) e sofrimento (choro, arrependimento). O jovem é responsável pela sua situação de dor e desespero (Lc 15,12-14), porém o castigo que ele sofre também é fruto das relações sociais nas quais ele se encontra (Lc 15,15-16). Ele cai em si, reconhece seu pecado e toma a decisão de mudar o rumo de sua Vida (Lc 15,17-21) e com isto recobra a alegria de viver (Lc 15,22-24). Na medida em que o filho mais jovem adentra-se na festa da Vida seu irmão mais velho afasta-se da alegria da Vida (Lc 15,25-32).

O Filho Pródigo representa muito bem o modelo das juventudes que se lançam no mundo, rompem, aventuram-se e retornam. Ele, tal como os/as jovens de todas as épocas e lugares, não têm medo de se perderem e nem se reencontrarem, numa Vida intensa de altos e baixos, de Vida, morte e ressurreição (Lc 15,24.32). Em meio às mortes às quais a juventude está sujeita a Bíblia reafirma o poder revificador que vem de Deus (1Rs 17,17-24; 2Rs 4,18-37; Mc 3,24-30; 5,35-43; Lc 7,12-15; At 20,9-12).

Assim, a juventude afetada por tantos motivos desesperadores (Jz 6,13) é também causa de alegria, festa, júbilo, louvor e esperança. A juventude porta em si grandes pequenos-sinais de esperança (Is 7,14) que são a luz do “Deus conosco” no meio da Vida do povo (Mt 1,23). A juventude sonhadora (Gn 37,19) é a que anuncia a maior esperança do mundo, na qual a Vida vence definitivamente todo o tipo de morte, a ressurreição de Jesus (Mc 16,5-7).

5. Juventudes, corrupção e profetismo

As primeiras páginas da Bíblia já afirmam que Javé viu a Vida corrompida (Gn 6,5) e a juventude colaborou com tal corrupção (Gn 4,8; 6,1-4). O próprio povo é comparado a um jovem rebelde que precisa ser educado pelo Pai (Dt 8,5) porque não escuta a sua voz (Jr 22,21). Por conta da corrupção dos que foram libertos do Egito Javé mantém o povo no deserto por uma geração, a fim de que toda ela morra e uma nova geração possa construir a Vida nova na terra prometida, livre dos resquícios do sistema egípcio (Dt 1,34-40).

O povo que conquista a terra prometida desenvolve um sistema político, social, religioso e econômico diferente do sistema dos reis a fim de que ele não reproduza as

condições que o haviam escravizado (Dt 15,4). O projeto tribal obtém sucesso por duzentos anos, entretanto, as novas gerações perdem de vista o ideal da nova sociedade e se deixam corromper.

O sacerdócio tribal, que servia como grande animador do tribalismo, se deixa corromper. Os filhos do velho sacerdote Eli eram desonestos, não serviam mais nem a Javé e nem ao povo, apossavam-se dos bens comunitários, utilizando-se até mesmo da força para expropriá-los do povo (1Sm 2,12-17). A nova geração de sacerdotes se comporta mal (1Sm 4,1), é corrupta, exploradora do povo, escandaliza a todos, sobretudo, a antiga geração sacerdotal, que sequer era ouvida pelos jovens sacerdotes (1Sm 2,22-25). Eles tentam corromper Javé, sem sucesso, levando o povo e as próprias vidas à ruína (1Sm 4,3-11).

De outro lado, o jovem Samuel, diferentemente dos filhos de Eli, prestava grande serviço a Javé (1Sm 2,20; 3,1), combatia os ídolos (1Sm 7,3), crescia e era benquerido por Javé e pelo povo (1Sm 2,26; 3,19), rezava pelo povo (1Sm 7,5.9), era sincero (1Sm 3,18), fiel ao que Javé falava (1Sm 3,19), sempre disposto, prestativo e em prontidão para responder, em meio a tantas vozes, ao chamado de Javé (3,4-14) e era reconhecido por todo Israel como profeta (1Sm 3,20) e juiz (1Sm 7,15-17).

O jovem Samuel é a presença jovem incorruptível entre a geração corrupta e corruptora. Se a nova geração de sacerdotes havia se deixado corromper ao trair o projeto tribal, será por intermédio de um jovem, desta mesma geração, que tal projeto é defendido (1Sm 8,6.10-22). Entretanto Samuel não obteve êxito com seus filhos, que, diferentemente dele, se deixaram corromper. Os filhos de Samuel não seguiram o seu exemplo, deixaram-se levar pela ganância, eram subornados e distorciam o direito (1Sm 8,1-5). Este conjunto generalizado de corrupção foi a gota d'água que faltava para levar o tribalismo à ruína e abrir espaço para que a monarquia se instalasse (1Sm 8,1-22).

Como se pode ver, a relação entre juventude e corrupção não é linear, mas complexa. Ora são os jovens os que salvam o povo da corrupção geral, ora são os que a provocam, reproduzem e aprofundam. O Segundo Testamento dirá que tal situação pode ser resolvida desde que se enfrente o problema; para isto toma como ponto de partida os maus exemplos (At 5,1-11).

Segundo Atos dos Apóstolos, é necessário que os/as jovens enterrem os corruptos, entrem em contato direto com os seus cadáveres, vejam a morte produzida pelas suas práticas. Ao manter contato com a corrupção, a juventude é vacinada com o vírus que pretende combater. Há na comunidade cristã primitiva a consciência de que é inútil realizar qualquer atividade anticorrupção sem levar em conta a corrupção existente. Os maus exemplos são exemplos de como não se deve proceder. Em At 5,6.10 se tem o primeiro movimento jovem anticorrupção criado pelo cristianismo, capaz de inverter a lógica do jovem rico e dos jovens corruptos (Mt 19,16.20.22; Mc 10,20; 1Sm 2,12-17; 8,3) e fomentar os exemplos de partilha do pouco que a juventude possui (Jo 6,5).

Além desta negação da corrupção, a Bíblia oferece também um programa propositivo aos jovens discípulos de Jesus (Jo 21,5) convidando-os a vencerem o Maligno

(1Jo 2,13) pelo poder da permanência da Palavra de Deus na juventude, capaz de afastar todo o mal (Jo 2,14).

A Bíblia convida as juventudes acolherem o Espírito Santo de indignação diante das injustiças (Dn 13,45), tal como Daniel, que defendeu Susana com sabedoria e profetismo (Dn 13). Para isto é preciso superar o processo educacional promovido pelos grandes impérios de ontem e de hoje, que pretendem formar a juventude de acordo com os seus interesses e valores (2Mc 4,9.12). O mundo precisa de jovens sábios (Dn 1,17-21), é necessário ensinar-lhes a sabedoria (Pr 1,4; Tt 2,6), casar a Vida jovem com a sabedoria (Sb 8,9-10), pois sem sabedoria não há profetismo.

Como poderá o profeta e a profetisa interpretar a realidade, anunciar e denunciar se, ao mesmo tempo, não forem sábios? Assim como não há nada mais semelhante a Deus do que os ídolos, também não há nada mais parecido com o verdadeiro profetismo do que o falso profetismo. Por isto é necessário que o profeta e a profetisa não se deixem enganar nem se levar pelos ídolos e/ou falsos profetas e profetisas. Os teólogos inimigos de Deus, corruptos da fé, que pregam a teologia da retribuição (também chamada da prosperidade) educam os seus jovens em sua ideologia, através de verdadeiras escolas teológicas (Jó 32; 12; 3; 16,1-4); assim também o fazem os fariseus escrupulosos, que educam os seus jovens teólogos em escolas organizadas nas cidades (At 22,3); ou como faz a “teologia capitalista”, que forma a juventude para reproduzir fielmente o “deus capital”.

Como Jó, que se havia formado pela escola dos sábios da teologia da retribuição (Jó 12,13; 16,4) e se convertera à teologia da gratuidade (42,8), também o jovem Saulo, formado pela escola farisaica de Gamaliel (At 22,4), torna-se perseguidor dos cristãos (At 7,58; 22,4; 26,9). Mas, iluminado por Cristo (26,13), acaba sendo perseguido por causa de Cristo (At 22,22-30). Guiado por esta luz e conhecimento novos, não vacila em transformar radicalmente sua vida. Considera todo o seu passado jovem religioso como lixo, em nome da novidade que é Cristo (Fl 3,8; Gl 1,14), e assim descobre a teologia da graça (Rm 3,24).

Neste mesmo espírito, a jovem Maria, cheia de graça divina (Lc 1,28.30), canta o seu cântico bíblico libertador (Lc 1,46-55). Através deste cântico expressa a sua radicalidade profética, implora que Deus derrube os poderosos dos seus tronos, deixe os ricos sem nada e eleva os humildes, saciando os famintos (Lc 1,52-53). A teologia do Magnificat não se presta a sacralizar o mundo corrompido, pelo contrário, roga pela sua radical transformação em alto estilo profético.

A Bíblia e a Vida demonstram que Deus conta com profetas e profetisas jovens (Jl 3,1; Am 2,11; At 2,17; 21,9), organizados em grupos proféticos (2Rs 9,1). O profetismo jovem envolve-se ativamente em questões políticas em benefício do povo (2Rs 9,4-10), incomoda os planos dos dominadores, a ponto de suscitar-lhe práticas corruptoras da profecia (Am 2,12; At 6,11-14), porém a verdadeira juventude profética não se deixa levar por elas (Hb 11,24). O profetismo jovem, tão desprezado (1Tm 4,13) e até mesmo autodesprezado pela própria juventude chamada a ser profética (Jz 6,15; Jr 1,6), não é desamparado por Deus que sai em sua defesa (Jr 1,7-10).

Javé acompanha a juventude profética desde o ventre de sua mãe. Ele a conhece e a consagra (Jr 1,4), a protege em sua atividade (Jr 1,8) e lhe dá a força que ela própria não teria (Jr 1,10). Javé quer estar com a juventude profética, guerreira e que trabalha em prol da libertação do povo (Jz 6,11-12), ainda que desanimada, descrente e indignada com a situação macropolítica (Jz 6,13). Assim era o jovem Gedeão, um jovem guerreiro desanimado, um militante descrente, mas que mesmo assim trabalhava pela libertação do povo. Ao enviá-lo, Javé não despreza a força jovem que há nele, pelo contrário, conta com ela (Jz 6,14) e a fortifica ainda mais (Jz 6,16), tal como aproveita e aumenta a força de Sansão (Jz 15,14-16; 16,28-30). Deus não quer jovens enfraquecidos, não os louva por não terem forças próprias; pelo contrário, reconhece e potencializa a força que há na juventude.

Os jovens profetas e as jovens profetisas, ainda que detestados pelos poderosos, ou até mesmo pelas suas próprias famílias (Mt 10,35), são estimados por Deus e pelo povo (1Sm 2,26), único e suficiente carinho do qual necessitam. Como consequência lógica de uma profecia autêntica, não corrompida (Dn 3,12-18), a juventude recebe corajosamente (2Mc 7,30-39) o martírio (3,19-23) e a ressurreição (2Mc 7,40; Dn 3,91-97).

6. Juventudes e preceitos morais-religiosos

Os preceitos morais-religiosos oferecidos, pela Bíblia, para a juventude não costumam ser liberais (Eclo 30,11), pelo contrário estes são quase exceções. Mesmo quando motiva a juventude viver esta fase da vida com alegria e felicidade seguindo os impulsos do coração e os desejos dos olhos, logo lhe recorda de que Deus há de pedir contas de todas estas coisas (Ecl 11,9).

No geral, a Bíblia aconselha a correção da juventude com o chicote em punho (Eclo 30,1-2), curvando o seu pescoço e batendo em suas costas (Eclo 30,12), não lhe deixando entregue a si mesma, mas tratando-a sem mimos tal como se fosse um cavalo xucro (Eclo 30,8). De acordo com tais preceitos, a juventude não pode dizer tudo que pensa, mas apenas o necessário e ainda quando interrogada, sendo o mais concisa possível em seu falar e sem rivalizar com os grandes (Eclo 32,7-8). O adolescente Jesus não levou estas recomendações a sério quando discutiu com os doutores no Templo de Jerusalém (Lc 2,46-47).

Este conjunto de preceitos pretende educar a juventude lhe oferecendo um caminho correto no qual possa andar segura até a velhice (Pr 22,6). A intenção é: disciplinar a juventude para que ela possa viver da melhor forma, ainda que para isto faça-se necessário o uso da vara (Pr 23,13-14); torná-la sábia e bem formada (Pr 23,15.19-21), diferente dos beberrões, comilões, dorminhocos e pecadores (Pr 23,14.15.33); e fazê-la obediente aos mais velhos (Pr 23,22-25; 1Pd 5,5).

Os jovens que não cumprissem os bons valores morais (Pr 23,20-22) deveriam ser amaldiçoados (Pr 30,17), tidos como indignos e infames (Pr 19,26) e inclusive sujeitos ao apedrejamento por conta de sua rebeldia, indocilidade, desobediência, devassidão e maus costumes (Dt 21,18-21). A lei que servia para educar a juventude nos bons costumes era a mesma que os extirpava do meio do povo caso não se adequassem

às suas ordens legais. Estas punições serviam de exemplo para os outros jovens, a fim de que não reproduzissem os mesmos erros dos condenados, e mais, era um momento pedagógico de educação moral para todo o povo, fosse ele jovem ou não (Dt 21,21b).

Assim, tais preceitos não eram apenas educativos, mas também normativos, uma vez que regulavam as diversas relações sociais, inclusive prescrevendo penas. O esposo recém-casado, que houvesse acusado falsamente a sua esposa por não ter casado virgem, seria castigado, tinha de pagar uma multa de cem moedas de prata aos pais da moça (Dt 22,18-19). Mas, se a denúncia fosse procedente, a jovem seria levada até a porta da casa de seu pai, para ser apedrejada pelos homens da cidade (Dt 22,21). Se um homem e uma jovem prometida em casamento tivessem relações sexuais ambos seriam mortos (22,23), a jovem por não ter gritado e o homem por tê-la violentado (22,24). Mas se o fato ocorresse no campo, a jovem seria poupada, e o agressor, punido, por não haver testemunhas que pediu socorro (22,27).

A juventude como um todo não é apenas objeto passivo destes preceitos morais-religiosos. Parcela dos jovens e das jovens as reafirma, defende e reproduz. Um conjunto de jovens bíblicos mantém o conservadorismo, o legalismo, o ritualismo e o sistema de pureza e impureza. Um jovem denuncia a Moisés que dois homens estavam exercendo um profetismo não oficial (Nm 11,27) e outro que ajudava Moisés desde a juventude o conclama proibir-lhes de profetizar (Nm 11,28), porém o velho Moisés mostra-se mais aberto do que o jovem, desejando que todo o povo se tornasse profético (Nm 11,29). Estes jovens escondem a face das vítimas da história, tomadas como impuras (Jó 29,8).

Os jovens sacerdotes, que cuidavam das funções religiosas, estavam em contato direto com estas prescrições legais (Ex 28,1; Nm 8,24; 2Cr 31,17), em meio a uma série de ritos que envolviam vestes, banhos, sacrifícios, ritos e etc. (Ex 28-30; Lv 6-10). Estes representantes do ritualismo não só faziam vítimas com as leis da pureza e da santidade (Lv 17-26); eles próprios se autocondenavam mortalmente por conta do mesmo sistema (Lv 10,1-3), isto quando não destruíam suas próprias famílias em nome de preceitos legais (Esd 10,18-44).

Diferentemente destes jovens, outra juventude vive a sua religiosidade de forma não legalista, tocando os seus pandeiros com alegria no cortejo de Javé (Sl 68,26.27), louvando o seu nome (Sl 148,12), observando a palavra de Javé (Sl 119,9). Aqui, mais importante do que os preceitos legais e do que os ritos detalhados, o que conta mesmo, é o espírito libertador da Palavra de Javé. É a forma popular, não oficial, de viver a fé.

Por isto, esta corrente não legalista valoriza a memória da libertação do Egito (Dt 6,21), consciente que Javé se opõe ao sistema do Faraó (Ex 10,2), e que o novo modo de vida do povo libertado não pode reproduzir a velha sociedade escravista (Ex 13,8.14). Os ritos da páscoa dos judeus não nascem de um ritualismo vazio, mas são expressão viva da história da libertação (Ex 12-13). O próprio movimento libertador do Egito (do qual a juventude participou) já era, desde o princípio, um movimento religioso, no qual não há dicotomia entre vida e fé (Ex 10,9). Depois de libertado do Egito o povo faz, por intermédio dos jovens de Israel (Ex 24,5), um sacrifício de comunhão

com Javé, selando assim a sua aliança com Ele, além de cuidar da tenda de Javé para que ninguém tentasse manipulá-lo em seu favor (Ex 33,11).

No Segundo Testamento, os jovens das escolas farisaicas e os círculos jovens dos saduceus resgatarão os preceitos legalistas do sistema de pureza e impureza, atingindo até mesmo o círculo cristão (At 15,37-40; Gl 2,11-13); entretanto, o Segundo Testamento também terá jovens representantes desta segunda corrente, não centrada em preceitos normativos específicos, mas na memória do êxodo, tal como a jovem Maria (Mt 2,13-15; Lc 1,46-55) e os jovens João Batista (Mt 3,1-9; 11,2-6; Lc 3,10-14), Jesus (Lc 7,34; Mc 7,1-13; Mt 5,23-24; etc.) e Paulo (Ef 2,14-15).

Nesta unidade entre fé e Vida, o livro dos Atos dos Apóstolos recorda que entre a Palavra e a Fração do Pão há a Vida. A celebração cristã somente é plenamente autêntica com a juventude viva, mesmo que para isto o rito tenha que ser momentaneamente interrompido (At 20,1-12).

Estas duas juventudes que perpassam a Bíblia também chegam aos dias de hoje e povoam as igrejas cristãs. Ambas correntes jovens consideram-se fiéis ao projeto de Deus e cada uma julga-se em condições de oferecer as verdadeiras respostas às questões da atualidade. De um lado, jovens conservadores, legalistas, moralistas, dogmáticos, rubricistas, preocupados com o resgate do poder e prestígio das igrejas, na maioria das vezes servindo ao poder; e de outro lado, jovens críticos das velhas e mofadas estruturas eclesiais, engajados nas lutas do povo, centrados no essencial do projeto de Deus, e não nos penduricalhos artificiais, criados para desviar a fé viva dos seus caminhos libertadores.

7. Juventudes e festa

A Bíblia é do mesmo realismo da Vida, ela motiva a juventude a desfrutar os seus anos de vida, ainda que muitos sejam sombrios; recorda-lhe que os cabelos negros logo somem porque na vida tudo é fugaz, até mesmo a juventude é só vaidade (Ecl 11,8.10).

A Bíblia, levando em conta a fugacidade da Vida, fomenta a dimensão da festa, do amor, da beleza e da alegria das juventudes. Sansão apaixonou-se por uma jovem estrangeira quebrando os muros religiosos que separavam o seu povo dos filisteus (Jz 14,3.7) e dá um banquete, que segundo Jz 14,10 é um costume entre os jovens (Gn 29,22; Lc 15,22-24). Onde há juventude, lá estão comida, bebida, beleza, joias, roupas novas, alegria e dança (Zc 9,17; Jr 31,13; Lc 15,22).

Jovens felizes, bem nutridos e belos são condições necessárias para que o povo todo possa ser considerado feliz (Sl 144,12.15). A juventude é um termômetro que mede o índice de desenvolvimento humano, quando ela está bem é sinal de bênção para a nação (Sl 128,3-6; Jó 42,12-15), quando se encontra mal é sinal de maldição para o povo (Jr 11,22). Portanto, cuidar da vida da juventude não é apenas benéfico para os/as jovens, mas é também cuidar de todos e todas aquelas para os/as quais a juventude é a razão de seu viver (Gn 44,30-34).

A Bíblia, salvo textos ligados às teologias mais conservadoras (Eclo 25,20), não tem medo de conchamar a juventude à felicidade e à realização de seus desejos e impulsos (Ecl 11,9), inclusive sexuais (Ct 1,4). Porém, não vacila em denunciar o uso opressor destes desejos, tal como expressa através da condenação dos dois senhores que queriam abusar sexualmente da bela e delicada Susana e, não obtendo o seu consentimento, inventaram que a mesma havia traído seu esposo com um jovem, para assim condená-la à morte (Dn 13,2-41). Susana é salva pela coragem, sabedoria e profetismo do jovem Daniel (13,44-64).

Assim, a Bíblia enobrece o amor entre a juventude (Ct 2,2.3; 6,9), seu carinho e afetividade (Jr 2,2), seus enfeites (2,32); sua beleza e juventude (Jt 12,13). Os jovens casais bíblicos, enamorados ao ponto de se tornarem inseparáveis (Tb 6,20), apostam na vida contra aqueles que querem a morte (6,14-19). Porém, a Bíblia não titubeia em condenar as indecências, prostituições, seduções, devassidões, orgias, abominações, adultérios, expressos por intermédio da imagem de duas jovens (Ez 23,2-4). As práticas das capitais do Reino do Norte e do Sul, Samaria e Jerusalém, comparadas às duas jovens (23,18-21), afrontam a dignidade da humanidade, esposa de Javé ciumento (23,25), tal como apregoa o forte texto de Ezequiel.

A juventude bíblica apaixonada, tal como a da Vida, é capaz de verdadeiras loucuras de amor (Jz 14,5-6.9); ela se sujeita às mais arriscadas situações (Tb 6, 14-15a), e à própria escravidão temporária (Gn 29,18), além de esperar por longo tempo pela concretização de seu grande amor (Gn 29,30). Além disto, esta mesma juventude que é muito livre (Jo 21,18), apaixonada (1Sm 18,28) e forte (Pr 20,29), também, é capaz de humildemente doar-se por amor (Lc 1,38) depositando sua liberdade na missão confiada por Deus, com todas as suas consequências lógicas (Jr 20,7-18).

De outro lado, a Bíblia não sacraliza todas as festas que contam com a presença sedutora da juventude. Ela afirma que quando os jovens poderosos estão em festa (Mt 14,1-13; Mc 6,14-29; cf. 1Rs 8,63.65; 9,14-11,3) é porque o povo e seus autênticos profetas estão sofrendo (Mc 6,17; Mt 14,3; Lc 3,20; 1Rs 9,15-24). A filha de Herodíades é uma jovem dançarina que utiliza a sua arte contra o profetismo. No dia do aniversário do rei Herodes (festa da vida dos grandes), ela entrou, dançou e agradou ao rei. Graças ao juramento de Herodes e ao conselho de sua mãe Herodíades, a jovem pediu e ganhou num prato a cabeça de João Batista – morte dos pequenos.

Se por um lado a juventude se encontra no banquete da morte (Mt 14,3-11; Mc 6,17-28), de outro, também se encontra no banquete da vida (Jo 6,1-15). A filha de Herodíades, como resultado de sua ação, carrega um prato ensanguentado de morte (Mt 14,11; Mc 6,28) com a cabeça de um profeta silenciado que deixara um jovem movimento de resistência (os batistas) acéfalo (Mt 14,12; Mc 6,29). Mais do que riquezas e poder, mais do que a metade do reino de Herodes (Mc 6,23), Herodíades, como legítima representante dos interesses dominantes, quer aniquilar com aqueles que podem comprometer todo o sistema de riqueza e poder. Para isto manipula a juventude em favor de tais interesses (Mt 14,8; Mc 6,24).

De outro, Jesus já aparece como novo líder referência (Mt,14,12) e, ao contrário de Herodes, Jesus promove o banquete da vida (Jo 6,1-15). Neste, a juventude partici-

pa trazendo o pouco que possui: cinco pães e dois peixes (6,9). Jesus agradece a Deus pelos alimentos (e não é exagero afirmar que agradece pela generosidade do jovem), partilha o pão distribuindo-o para a multidão, sacia os famintos e ainda recolhe o que sobrou (6,11-13). Este rapaz não somente é o oposto da filha de Herodíades, mas também a continuidade do projeto preparado por João Batista (Lc 3,11; Mc 6,16); ele esvazia o seu prato (Jo 6,11) para encher abundantemente de vida todos os pratos (6,13), ao passo que a jovem da corte enche o seu prato de morte (Mt 14,11; Mc 6,28), esvaziando de vida os pratos do povo (Mt 14,50).

8. O rosto dos jovens na face de Deus

Todo ser humano é imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), inclusive a juventude. Por isso, é possível descobrir características dos jovens em Deus e vice-versa. Ele não é apenas um Deus pai e amigo da juventude (Jr 3,4) que conta com os/as jovens como partícipes de seu projeto (1Sm 3,1-21; Lc 1,26-38); é mais do que isto, Ele próprio é jovem⁷. Por isto, em meio a estas contradições todas que envolvem as diferentes juventudes, é possível descortinar o projeto jovem de Deus presente em sua própria juventude.

Poderiam ser apontadas muitas características jovens de Deus. Para não nos alongarmos ainda mais iremos nos concentrar em três destas características: O Deus que gosta da novidade; que envia anjos jovens solidários; e a paixão de Deus pela humanidade.

8.1 Deus é jovem porque gosta do novo

A Bíblia apresenta um Deus criador e recriador, que não se cansa de rejuvenescer a sua obra. Ele faz novas todas as coisas (Is 42,9; 48,6; Ap 21,5); promete criar um novo céu e uma nova terra (Is 65, 17; 66,22; 2Pd 3, 13; Ap 21,1); uma realidade nova (2Cor 5,17); vida nova (Rm 6,4); espírito novo (Ez 11,19); coração novo (18,31; 36,26); nome novo (Sl 33,3; 40,4; 96,1; 98,1; 144,9; 149,1; Is 42,10; Ap 2,17; 3,12); cântico novo (Ap 5,9; 14,3); caminho novo (Is 43,19; Hb 10,20); língua nova (Mc 16,17); aliança nova (Jr 31, 31; Lc 22,20; 1Cor 11,25; 2Cor 3,6; Hb 9,15; 12,24); mundo novo (Mt 19,28); cidade nova (Ap 21,2); campo novo (Os 10,12); planta nova (2Rs 19,30; Jó 14,9; Is 61,11); óleo novo (Sl 92,11); massa nova (1Cor 5,7); vinho novo (Pr 3,10; Jl 4,18; Am 9,13; Mt 26,29); mandamento novo e doutrina nova (Mt 4,23; Mc 1,1.14; Lc 2,10; Jo 13,34; Mc 1,27; At 17,19; Rm 7,6); nova criatura humana (Jo 3,4; Gl 6,15; 2Cor 5,17; Ef 2,15; 4,24; Cl 3,9-10; 1Pd 1,23, etc).

Estas novidades todas de Deus revelam o rosto de um Deus jovem, inovador, rejuvenescedor, que não tem medo da transformação, pelo contrário, deseja-a, provoca e cria. Ele não é um Deus conservador que não quer alterar a sua obra, pelo contrário,

7. Tal afirmação não tem o sentido exclusivo. Afirmar o Deus Jovem não implica em negar o Deus Criança, Adulto, Idoso, Homem, Mulher, Afrodescendente, Indígena, Pobre, etc. Em Deus, a diversidade humana é reconhecida e, ao mesmo tempo, encontra o seu ponto de unidade. Ou seja, em Deus há a tão almejada unidade na diversidade.

mas quer fazê-la totalmente nova (Ap 21,5). Ele não é um Deus reformista que pretende apenas remediar, reformar, melhorar sem de fato renovar as antigas estruturas, no dizer da Bíblia, Deus não é alguém que retira retalho de uma roupa nova para cobrir os rasgos da roupa antiga (Mc 2,21; Lc 5,36; Mt 9,16) e nem tenta encaixar as novidades nas velhas estruturas (Mc 2,22; Lc 5,37; Mt 9,17). Deus, tal como a contestação jovem, é radical: vinho novo em odres novos (Mc 2,22; Lc 5,38; Mt 9,17).

8.2. Anjos bíblicos: a solidariedade jovem que vem de Deus

Salta à vista que a Bíblia chame os anjos enviados por Deus de jovens. Tais anjos são profundamente solidários à humanidade, e, sobretudo, à juventude. Deus envia um Anjo jovem que desce até a fornalha na qual Nabucodonosor havia posto os três rapazes amarrados (Dn 3,23). O Anjo preserva a vida dos jovens não permitindo que o fogo lhes cause qualquer sofrimento (3,49-50.94) e, para espanto dos carrascos, caminha solidariamente com os jovens dentro da fornalha (3,1-92).

Tobias na busca de um companheiro de viagem (Tb 5,4; 10,6) que lhe indicasse os caminhos e encontra o anjo Rafael, sem saber que ele era anjo, chama-o de rapaz (5,5.7.10.17), o que indica a juventude do Anjo. Rafael o acompanha na viagem perigosa (10,7), garantindo a sua tranquilidade e integridade (5,22). Na viagem, prepara os elementos que salvariam Tobias e curariam a cegueira de seu pai (6,8-9; 8,2-14; 10,8.11-13). Motiva Tobias a casar-se com Sara (6,11), o encoraja em meio aos seus temores (6,14-18) e realiza as mediações necessárias (6,13) para que isto ocorra. O jovem anjo Rafael, como tantos jovens, testemunha o amor nascer no coração de seu amigo Tobias (6,19), presencia suas ansiedades e todos os demais efeitos causados pelo seu enamoramento (7,1.9.12; 8,20) e reza por eles (12,12). Rafael, como um jovem amigo, realiza solidariamente as atividades solicitadas por Tobias (9,1-6) e noutras ele mesmo toma a iniciativa, algo próprio de quem é sensível à necessidade da situação e por isto se antecipa (11,1-2).

Diante de tanto empenho, dedicação, cuidado Tobias não sabe nem mesmo como pagá-lo (12,1-5), até que ele se mostra como o anjo Rafael (12,15) para revelar a gratuidade de Deus (12,18-22). Rafael é a juventude de Deus agindo solidariamente em benefício dos necessitados, sobretudo, em prol da juventude (3,17).

Em 2Mc 3,26-38, a força divina de proteção é encarnada em dois jovens extraordinariamente fortes, belos e magnificamente bem-vestidos, que chicoteiam o dominador estrangeiro na defesa da fé e identidade econômico-cultural do povo representada pelo Templo. Jesus, revelador máximo de Deus, também utilizará um chicote com toda a força para defender o ser humano, templo vivo de Deus (1Cor 3,16; 6,19; 2Cor 6,16; Mc 11,17; Lc 19,46; Mt 21,13; Jo 2,16-17), explorado pelos vendedores e cambistas que se aproveitavam do sistema do Templo de pedra (Mc 11,15-17; Lc 19,45-46; Mt 21,12-13; Jo 2,14-17). Assim, é possível concluir que a juventude presente em Deus é sensível às injustiças e opressões e forte o suficiente para agir de forma solidária com os oprimidos contra os opressores.

Por fim, vale a pena ainda captar a juventude de Deus por intermédio do anjo jovem enviado por Ele para ser o anunciador da ressurreição de Jesus Cristo (Mc 16,5-8).

Ele é um jovem, vestido de branco que assusta e tranquiliza. Ele pergunta, anuncia e convida as mulheres verificarem com os seus sentidos aquilo que ele afirma; por fim, as envia com a missão de continuar o anúncio da ressurreição. Entretanto, estranhamente, as mulheres saem do túmulo e não anunciam nada a ninguém porque estavam assustadas e com medo. De fato, a presença jovial de Deus não escolhe lugar, a partir do túmulo anuncia a vida, tal como o profetismo da juventude que em meio à morte proclama a vida, porém nem sempre é levada a sério porque a presença jovem de Deus, numa primeira vista, assusta e gera medo.

Com tudo isto, pode-se descobrir nestes anjos todos a revelação da proposta de vida que Deus tem para os/as jovens de todos os tempos e lugares.

8.3. Deus: Um jovem apaixonado

São muitos os textos bíblicos que expressam o amor de Deus para com a humanidade (Jo 3,16; 1Jo 4,8). Ele seguidamente aparece nos textos bíblicos como um jovem alegre e cheio de amores pela humanidade (Is 62,5), um Deus sedutor (Os 2,16), que recorda do amor de sua mocidade (Is 54,6), ciumento (Ex 34,14) que se desconserta quando se vê traído (Os 2,11-15) por sua amada humanidade envolvida com os ídolos (Os 2,7-10), porque Ele sempre é fiel à Aliança que estabeleceu com o povo (Sl 145,13). Porém, é capaz de perdôá-la (Os 11,7-9), resseduzi-la e casar com ela novamente (2,17-23). Jesus expressa muito bem este amor todo pela humanidade, a ponto de o Apocalipse chamá-lo de esposo (Cordeiro) e a Igreja de esposa (mulher do cordeiro) (18,23; 19,7; 21,9; 22,17).

Para tentar expressar o tamanho deste amor divino para com a humanidade, e, através dele, descobrir uma das dimensões da juventude de Deus e ao mesmo tempo relacionar com as nossas juventudes ardentes de paixão, iremos nos centrar num único versículo com a pretensão de sintetizarmos tudo isto nele. Trata-se do único versículo do Livro Cântico dos Cânticos que expressa diretamente o nome de Javé (Ct 8,6).

O livro todo serve para enaltecer o amor humano de um jovem para uma jovem e vice-versa. Ele afirma que o amor humano é grande, intenso, total e quente. No final da obra, o amor humano é comparado a uma chama de fogo. Com isto, o autor quer representar o amor humano como algo grande, tal como uma fogueira. Entretanto, o versículo em questão afirma que o amor humano, que de fato é imenso, e na perspectiva humana parece ser uma fogueira, não passa de uma mera faísca da grande fogueira do amor de Deus. Ou seja, não há ninguém no mundo, nem mesmo o jovem ou a jovem mais doente de amor, que seja capaz de amar mais do que Javé, pois o máximo de amor que os/as jovens, ou qualquer outra pessoa, é capaz de sentir, não passa de uma mera faísca do amor de Javé. Se a faísca já é forte quanto mais será a fogueira que a originou.

CONCLUSÃO

O povo em sua sabedoria diz que quem muito abraça pouco aperta, esta é a sensação que temos após percorrer as diversas juventudes bíblicas, vimos muitas delas sem

nos aprofundarmos em nenhuma. Antes de nossa pesquisa parecia-nos que a juventude fosse uma exceção nos textos, entretanto surpreendemo-nos com a sua presença disseminada nos diversos contextos. Procurem e encontrarão já dizia Jesus (Lc 11,9).

Evidentemente não tivemos condições, nem era nossa pretensão, de esgotar o tema, ainda há um longo caminho a percorrer (1Rs 19,7). Nem todos os textos foram devidamente tratados, muitas relações com as juventudes atuais não foram feitas, certamente outras juventudes ficaram escondidas nas linhas e entrelinhas da Bíblia.

Nosso artigo apenas organizou as juventudes bíblicas a partir de algumas temáticas atuais apontando as contradições que as envolvem. Basicamente há na Bíblia dois macrogrupos jovens, que expressam a contradição básica da história, um aliado aos dominadores e outro aos dominados. Com isto a Bíblia se mostra tão realista quanto é a realidade da Vida. Ela não idealiza a juventude, mas apresenta-a como violenta e vítima da violência; escravista e escravizada; machista e vítima do machismo; corrupta e profética; moralista e vítima do moralismo religioso; capaz de realizar festas libertadoras e também banquetes da morte.

Estas juventudes todas ainda se encontram por aí, são facilmente encontradas no mundo do trabalho, nas igrejas, escolas, partidos políticos, festas, mídia, etc. Ela continua vivendo a vida do povo, sofrendo as consequências da opressão assim como as reproduzindo, agindo contra o poder dominador como também o representando. “A juventude” na verdade são muitas, sendo redutível a dois grandes grupos: a que luta por libertação *versus* a que se esforça para manter a opressão.

Na busca de um critério de discernimento entre estas duas correntes jovens bíblicas chegamos a um arquétipo pró-positivo de jovem, um paradigma (a ser anunciado e vivido pela juventude que sinceramente busca um caminho) de viver de acordo com o projeto de Deus. Evidentemente que a Bíblia poderia oferecer muitos exemplares a serem atualizados, porém, o melhor que encontramos reside na própria juventude que está em Deus, expressa pelos textos bíblicos e pela vida de Jesus e seus seguidores. Mais do que oferecer os modelos bíblicos positivos de jovens é preciso descobrir a fonte da qual tais modelos beberam para construir as suas juventudes. É preciso encontrar a juventude revolucionária (e historicamente sufocada) de Deus para que possamos descobrir Deus na juventude a fim de manter o elo da luta (1Rs 19,16-21) a favor do outro mundo possível.

Referências

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução Ivo Stoniolo; Euclides Martins Balancin; José Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: Paulus, 1990. 1631 p. Edição Pastoral.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Paulus. Apresenta chave-bíblica online. Disponível em: <http://www.paulus.com.br/BP/_INDEX.HTM>. Acesso: nov. 2010.

Eliezer dos Santos Oliveira
Rua Presidente Nereu Ramos de Oliveira, 74,
Bairro Simões Lopes
96025-250 Pelotas, RS.
E-mail: esantoliveir@bol.com.br